



## Clara inventa o vinho



Clara, a capivara mais engenhosa e teimosa do Brasil, acordou em um dia particularmente entediado. Após beber três caipirinhas consecutivas (porque o conceito de “limites” não existia em seu dicionário), ela decidiu que era hora de criar algo revolucionário. Afinal, como ela mesma dizia: *“Se Einstein tinha cabelo bagunçado e eu sou peluda, já estamos no mesmo patamar intelectual!”*

Com uma chaleira elétrica que só funcionava quando queria, um cortador de grama que parecia mais um gerador de faíscas, uma televisão antiga que só sintonizava canais religiosos e um tablet com a tela trincada, Clara começou sua obra-prima: a máquina do tempo. Após algumas explosões menores e um incidente em que quase ficou com a cauda presa no motor do cortador de grama, Clara terminou sua invenção. Era uma geringonça feia, mas, como ela mesma dizia: *“A beleza está nos olhos de quem não entende de engenharia.”*

Animada e já levemente embriagada (para variar), Clara decidiu fazer o primeiro teste. Após apertar alguns botões improvisados (que eram tampinhas de garrafa de cachaça, diga-se de passagem), a máquina começou a vibrar violentamente. Em um clarão de luz e um som que parecia um liquidificador batendo gelo, Clara foi lançada no espaço-tempo.

Quando abriu os olhos, Clara percebeu que não estava mais no Brasil. Ela estava em um lugar com montanhas lindas, vinhedos (ainda não vinhedos, mas futuros vinhedos) e pessoas usando roupas estranhas. Um local que, ela descobriria mais tarde, era o território que hoje conhecemos como a República da Geórgia. Só tinha um problema: não havia uma única gota de cachaça. **Nada. Zero. Um crime contra a humanidade.**

Clara, como toda capivara que se preze, entrou em desespero. Afinal, sua máquina do tempo não tinha botão de “voltar para casa” e, sem cachaça, como ela faria sua amada caipirinha? Após vasculhar o local e encontrar apenas uvas, Clara decidiu que daria um jeito. *“Limão é apenas um estado de espírito!”*, disse ela, determinada.

Ela esmagou as uvas com suas próprias patas, misturou com água, açúcar (que ela encontrou ao roubar de um pequeno mercado da época — ética não era prioridade naquele momento) e começou a fermentar a bebida. Mas, por algum motivo misterioso, o que saiu não foi cachaça. O líquido tinha um gosto estranho, doce e ácido ao mesmo tempo. **Ela**



## **tinha criado o vinho.**

Clara ficou furiosa. *"Que porcaria é essa? Isso é caipirinha estragada? Isso é suco de uva que passou do prazo? Eu sou uma capivara brasileira, e brasileira vive de cachaça, não de suco fresco com pretensão!"*.

Enquanto Clara amaldiçoava sua invenção fracassada, os habitantes locais se aproximaram curiosos. Quando provaram o líquido, ficaram maravilhados. Começaram a dançar, a cantar e a proclamá-la como uma deusa divina. *"Oh, criadora da bebida dos deuses, fermentadora celestial!"*, gritavam eles, enquanto Clara revirava os olhos.

*"Deusa? Só porque fiz suco de uva estragado? Vocês humanos são ridículos!"*, resmungava Clara, enquanto tentava, sem sucesso, refinar sua criação para transformá-la em cachaça. A cada tentativa frustrada, os humanos se tornavam ainda mais devotos. Eles não entendiam que Clara só queria uma caipirinha decente, não uma legião de adoradores.

Com o tempo, Clara começou a aproveitar o status de "divindade". Afinal, os humanos ofereciam comida, conforto e algumas moedas que ela usava para tentar reconstruir sua máquina do tempo. No entanto, ela não conseguia lidar com o fanatismo dos georgianos. Certa vez, um homem ajoelhou-se a seus pés, chamando-a de "Grande Capivara do Suco Divino", e Clara respondeu com sarcasmo: *"Sim, sim, grande mesmo. E você é o gênio que nunca pensou em fermentar uva antes. Brilhante!"*

Por fim, após anos presa naquele passado distante, Clara conseguiu consertar sua máquina e voltou ao presente, deixando para trás uma civilização bêbada e eternamente grata por sua invenção accidental. Porém, antes de partir, Clara deixou um aviso aos georgianos:

*"Se algum dia eu voltar e não encontrar uma caipirinha decente aqui, juro que pego esse vinho e jogo tudo na privada."*

De volta ao Brasil, Clara contou sua aventura para quem quisesse ouvir, mas ninguém acreditou nela. *"Vinho, Clara? Você criou o vinho? Conta outra!"* E Clara apenas respondia com um sorriso sarcástico:

*"Vinho é só caipirinha que deu errado. Agora, por favor, passa o limão e a cachaça."*